

## A PSICANÁLISE NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Elisabetta Gennari de Rocca\*, Buenos Aires

A cultura pós-moderna, caracterizada pelo domínio da imagem e velocidade e massificação da informação, sustenta aspectos eróticos e tanáticos. Entre os primeiros está a possibilidade de um acesso mais rápido e completo ao conhecimento global e uma conscientização cada vez maior da inexistência de verdades definitivas e completas, o que contribui para destruir dogmatismos estéreis e facilita o respeito pelo novo e pelo diferente. São fatores tanáticos a violência, a superficialidade, a pouca qualificação dos valores transcendentais e a excessiva importância que se outorga às possessões visíveis.

O sujeito-ideal (termo com o qual Piera Aulagnier denomina a parte do superego que dá conta da incorporação dos valores predominantes no contexto sócio-cultural) é, em nosso tempo, um ser perfeito, completo e exitoso, o que supõe uma negação do limite e da castração. Ideal de completude narcisista, que permite qualificar a cultura atual de falocêntrica ou fálico-narcisista. Sabemos, como psicanalistas, que não aceder à castração conduz, real ou metaforicamente, à morte psíquica e/ou física. Se a Freud coube lutar contra os excessos da repressão, a nós cabe hoje – como o testemunham as novas patologias – combater a violência que implica a proposta onipotente da cultura atual, que tende a dificultar nossa tarefa, porque potencia o atrativo demoníaco da completude, sempre à espreita em algum canto do psiquismo. Dois aspectos da sociedade pós-moderna requerem atenção particular. São eles: o ataque ao processo do pensamento que supõem a intensidade e a rapidez excessiva dos estímulos que dificultam as representações claras e o acesso ao pensamento, gerando vivências de caos e vazio; a nulificação da história, vinculada à exigência de viver no imediatismo do presente, que, somada às profecias de previsões catastróficas para a sobrevivência da espécie humana, incrementa a culpa patológica e diminui a possibilidade reparatória e as esperanças de projetar-se ao futuro.

O ataque ao pensamento e a desvalorização da história são realidades fáticas que exigem uma atenção particular e uma reflexão mancomunada, porque constituem verdadeiros desafios para o desempenho do nosso trabalho.

Cultura pós-moderna, sociedade transparente, diz Gianni Vattimo, referindo-se ao universal e ao instantâneo da informação. Hoje vemos muitos acontecimentos, muitas avaliações diferentes dos mesmos fatos, e nos chegam, sem ordem nem hierarquização, as vozes das diversas sociedades e das subculturas que as compõem. Já não se pode sustentar uma cosmogonia unívoca, nem uma só história. Humberto Maturana, partindo da biologia, nega a possibilidade de uma só realidade e propõe substituir o termo universo por multiverso.

Giovanni Sartori, o politólogo italiano que nos visitou há pouco tempo, sustenta, com uma visão um tanto pessimista, que o homo sapiens está sendo substituído pelo homo videns, e a palavra pela imagem. O ver muito não significa necessariamente a impossibilidade de se ascender à sabedoria; porém é verdade que a sobreposição e a fugacidade das imagens tendem a criar confusão. Mas é verdade também que depende do sujeito o submeter-se ou não ao estímulo mediático.

Ignacio Ramonet, num ensaio recente, recorda-nos que “mostrar não é explicar e ver não significa compreender”, posto que hoje se privilegia o impacto emocional em vez de se buscar e mostrar as causas e os efeitos e de se valorizar as notícias relevantes, o que resulta em um obstáculo para o acesso a uma informação veraz.

Todos destacam a prevalência do âmbito da comunicação generalizada que nos envolve, o peso dos mass media, o império da telemática, disciplina que integra a informática e a telecomunicação.

Nossa cultura, como todas as culturas, sustenta aspectos eróticos e tanáticos. Entre os aspectos eróticos, podemos consignar o maior e mais rápido acesso ao conhecimento global, quase impensável há poucos anos, do qual resulta uma conscientização cada vez maior da inexistência de verdades definitivas e completas, conscientização que contribui para destruir os dogmatismos estéreis e para promover o respeito ao novo e ao diferente. São aspectos tanáticos a violência, a superficialidade, a pouca qualificação dos valores transcendentais e a importância excessiva que se outorga ao poder e às possessões visíveis.

O ideal do nosso tempo é um ser poderoso, capaz de conquistar tudo o que se propõe através de técnicas muitas vezes irracionais e mágicas. Valorizam-se a rapidez e a eficácia em todos os âmbitos, oferecem-se cursos rápidos para qualquer coisa, busca-se uma vida perfeita e sem sofrimentos mediante cirurgias múltiplas, produtos extraordinários para se obterem a saúde e a beleza, técnicas de auto-ajuda, autoconhecimento e autocontrole que desconhecem a individualidade.

Resumamos: imagem perfeita, completa e exitosa, isto é a completude narcisista. Evita-se mencionar tudo o que testemunhe o limite, a castração. Como poderíamos chamar, do ponto de vista de uma leitura psicanalítica, a nossa sociedade atual? Poderíamos denominá-la falocêntrica ou fálico-narcisista, porque categoriza, em todos os âmbitos, o poder visível.

Já dizia Lacan: “O falo é o representante da falta”. E hoje a falta obtura-se a partir do poder, da potência viril, da riqueza, mediante, enfim, a abundância dos estandartes narcisistas.

Piera Aulagnier denomina sujeito ideal a uma entidade diferente dentro do superego, que dá conta dos valores predominantes procedentes do contexto sócio-cultural. O sujeito ideal de nossa cultura seria aquele que sustenta a completude narcisista. Poderíamos afirmar que nossa cultura promove, qualificando a falocidade, os homens e as mulheres fálicos, que mantêm resolutamente suas fantasias de poder: poderem ser eternamente jovens, brilhantes e poderosos, loucura de homens e mulheres completos, sustentados por um imaginário hermafrodita.

Sabemos, como psicanalistas, que a castração, se não é velada, é impossível de ser vivida; mas sabemos, também, que, se não acedemos a ela e prepondera a onipotência, a resultante é a morte psíquica e/ou física, real ou metafórica. Basta ver os excessos de todo tipo que hoje se afirma, frivolamente, não encerrarem perigo algum: esportes e exercícios exagerados, dietas, cirurgias estéticas múltiplas, ingestão de drogas, para assinalar apenas o mais relevante.

Se nossa tarefa tem como norte o acesso à castração, nosso trabalho vê-se dificultado pelo ideal social, que potencia o

demoníaco atrativo da completude, sempre à espreita em algum canto do psiquismo. A psicanálise foi e será combatida porque “traz a peste” com sua busca da verdade. Freud a trouxe no século das luzes, quando se idolatrava a razão, falando da primazia do inconsciente. A ele coube lutar contra a repressão excessiva, a nós cabe fazê-lo contra a violência que traz em si a proposta cultural onipotente de que são testemunhas as patologias hoje predominantes.

Temos de ser muito ágeis e muito rigorosos. As mudanças são muito rápidas, e não podemos entender nossos pacientes sem um olhar lúcido sobre nossa cultura. Freud ensinou-nos que a subjetividade humana é gerada no seio de uma cultura e que, por sua vez, não há cultura sem formação de subjetividade. Na formação da subjetividade e no trabalho psicanalítico entram sempre em jogo os valores, a moral, o desejo e as relações com aqueles que acompanham o desenvolvimento. Em primeiro lugar a família, sempre imersa em um habitat social e, além dela, a sociedade toda.

Parece-me importante que nos detenhamos em dois aspectos de nossa sociedade pós-moderna que constituem obstáculos para o exercício de nosso trabalho de analistas. Refiro-me ao ataque ao processo do pensamento e ao aniquilamento do sentido da história, o que se convencionou chamar “a queda da história”.

Com respeito ao ataque ao pensamento e à sensibilidade humana, diremos que o meio nos bombardeia com estímulos excessivamente rápidos e intensos, tanto agressivos como eróticos.

Sabemos que os estímulos percebidos transformam-se em representações e que, a partir delas, surge a elaboração, cujo resultado é a razão reflexiva, que permite ao sujeito chegar à autonomia e conquistar um certo domínio de si. Se a intensidade e a rapidez dos estímulos é excessiva, a representação será confusa, e as representações caóticas e escuras não podem dar origem a um pensamento claro. Sabemos, também, que o mecanismo de representação dura toda a vida, e que somos, portanto, constantes captadores de estímulos. Os estímulos sobrepostos não podem ser claramente representados e geram representações confusas, cuja resultante final é o caos e o vazio, tão presentes nas patologias atuais. Hoje o vídeo, o cinema e a televisão apaixonam o público, e a leitura, informador privilegiado de nossa geração, perdeu adeptos. A televisão sustenta a proposta e o desejo de saber tudo e sabê-lo rapidamente; a ilusão da satisfação imediata patentiza-se no zapping, que é um automatismo quase generalizado. A descarga sexual dos adolescentes, via internet, tem cada dia mais adeptos, o que é grave, porque os afasta dos conflitos que as relações objetais lhes propõem e favorece o isolamento e o narcisismo patológico.

A cultura pós-moderna não é só uma questão filosófica, afeta, na prática, todos os campos, inclusive o psicanalítico. Se não estivermos atentos, nosso trabalho pode impregnar-se dos ideais vigentes e correremos o perigo de valorizar, nos pacientes, a rapidez e a eficácia, em vez de qualificar como progresso da cura o acesso à liberdade e à autonomia, a capacidade de suportar a frustração da espera que todo projeto válido requer. Nomear a castração simbólica, falar da dor e do limite, acompanhar o paciente na travessia destes fantasmas, nunca foi fácil e o é muito menos quando a oferta ilusória de tratamentos rápidos e fáceis está ao alcance da mão.

O outro ponto em que quero deter-me é a degradação do sentido da história.

Freud expôs a importância da reconstrução da própria história para se poder chegar às verdades essenciais do homem: história pessoal, familiar, transgeracional e história da cultura à qual se pertence. O sentido da história foi muito valorizado pela modernidade: o modernismo constituiu uma experiência histórica capaz de revisar-se a si mesmo e construiu ideologias e práticas que mudaram o curso das coisas. O passado e o futuro eram duas idéias centrais, havia conflitos com o passado e pensava-se no futuro como meta, como espaço no qual poderiam realizar-se as mudanças que melhorariam o mundo. Os ideais de liberdade e igualdade e o conceito de autonomia tinham plena vigência. Hoje, proclamou-se o fim da história e a morte das utopias, e nossa época propõe uma aceleração caótica, que, carente de metas, leva à busca ansiosa do prazer imediato, valorizando só o presente e despojando de sentido o futuro. Daí a futilidade da história.

De onde surge tudo isto? Os profetas do horror proclamam catástrofes futuras: a aids, a poluição ambiental, o perigo nuclear, as guerras, as crises econômicas, o desemprego e sabe-se lá quantos males mais. Estas profecias incrementam os sentimentos de impotência e a culpa patológica: se fomos tão desastrosos, a ponto de prepararmos um mundo onde não se pode viver para as gerações vindouras, se estamos ante a expectativa da desaparecimento de nosso planeta, ou, o que dá no mesmo, da vida humana sobre ele, quem pode pensar no futuro? Hanna Segal, referindo-se ao holocausto nuclear, assinalou o efeito demolidor destas profecias que tiram do homem a esperança de perpetuar-se através de sua descendência. Se é assim, só resta viver o momento.

Sabemos, por certo, que a culpa patológica depende da estrutura do indivíduo, mas estes aspectos da cultura tendem a incrementá-la. E aparecem, como duas polaridades inseparáveis, a negação da morte e a negação da vida. A história, concebida como a possibilidade do homem de compreender o passado para construir o futuro, transformando seus aspectos destrutivos, tende a desaparecer. E, do ponto de vista da culpa patológica, alimentada pelos anúncios de futuras catástrofes, descrê-se da possibilidade reparatória, perde-se a esperança e desaparece a possibilidade de projetar-se ao futuro.

A estruturação do aparelho psíquico, que se apóia nos avatares da história do sujeito, tem um primeiro nível, o mais primitivo, ligado aos caminhos iniciais da pulsão, que depende dos primeiros contatos, das primeiras relações objetais. Aqui o cultural intervém só indiretamente, na medida das influências do social sobre a mãe e sua função.

No nível ligado à história do período da sexualidade infantil, nos avatares do complexo de Édipo e da angústia da castração, o cultural intervém muito. As diferentes épocas mostram distintas modalidades predominantes no que se refere à criação das crianças. Hoje as crianças entram cedo em contato com outros objetos, além dos primordiais; as creches aceitam crianças de quarenta e cinco dias, o contato com os adultos é muito maior que em nossa geração; e as crianças compartilham mais a vida dos pais quando estão juntos, porque a mãe está mais tempo ausente do lar. O trabalho feminino, por outro lado, leva as crianças precocemente a instituições onde se estabelecem contatos pessoais múltiplos.

O terceiro nível histórico, muito ligado à cultura, está intimamente relacionado com a moral e a ética próprias de cada época. Depende dos valores vigentes, particularmente no que diz respeito à sexualidade. A revolução sexual trouxe mudanças notáveis dos comportamentos eróticos, no plano do casal e da amizade entre homens e mulheres.

A psicanálise seria impensável, se verdadeiramente se concretizasse a nulificação da razão histórica, porque está essencialmente enraizada nela.

O acesso à liberdade e à autonomia individual requer um pensamento reflexivo, ponderado e claro. O ataque ao pensamento e à sensibilidade e a desvalorização da história são realidades fáticas que exigem de nós uma atenção particular e uma reflexão

mancomunada, porque constituem verdadeiros desafios para o desempenho do nosso trabalho.

## Referências

- Aulagnier, P. (1975). La violencia de la interpretación. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.  
Bleichmar, S. El narcisismo. Estudio sobre la enunciación y la gramática. Buenos Aires: Nueva Visión, 1981.  
Freud, S. (1914). Introducción al narcisismo. Obras Completas. Amorrortu.  
Green, A. Narcisismo de vida, narcisismo de muerte. Buenos Aires: Amorrortu, 1970.  
Lipovetsky, G. La era del vacío. Barcelona: Anagrama, 1986.  
Sternbach, S. Fin de siglo, ¿fin del psicoanálisis?, Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia.  
Vattimo, G. La sociedad transparente. Barcelona: Paidós, 1986. Grupo, N° 1, 1994.

Tradução de **Ana Luiza R. Antunes**

Revisão técnica de **Luiza Amaral**

**Elisabetta Gennari de Rocca**

Sarmiento, 566

1879 Quilmes – Buenos Aires – Argentina

ccarcamo@topmail.com.ar

© Revista de Psicanálise – SPPA

---

\* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica Argentina. Presidente do Centro Psicanalítico Dr. Celes Cárcamo.

---

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)